

Nós, os pretos, punho esquerdo erguido!
Leonardo Costaneto

Mais um dia 20 de novembro e amanhecemos com a notícia do assassinato brutal de um homem negro dentro de um supermercado. Todos os anos, cerca de 60mil mortes violentas no Brasil. Entre essas mortes destacam-se as de homens jovens, pretos, periféricos, subletrados. Não se trata de coincidência, mas de uma violência sistemática praticada pelo estado, que legou aos afrodescendentes a marca da pobreza, subalternidade e exclusão.

A libertação dos escravos por uma princesa branca e generosa não foi o bastante para dar dignidade aos ex-cativos, decerto que não. A luta abolicionista vem de antes, vem de sempre, sendo suas fileiras engrossa as por negros e brancos. Por isso, é preciso uma vez mais revisitar nossa história e resgatar nossa ancestralidade. Quantos heróis negros compõem nosso panteão? Quantos escritores negros conhecemos e temos acesso aos seus livros, por meio das bibliotecas escolares? Quantos legisladores negros temos? Quantos ministros, médicos, dentistas? Quantos advogados, quantos professores universitários? Quantos negros, enfim, em postos de chefia?

Se na base da pirâmide social temos mais da metade da população declaradamente negra, no topo dessa mesma pirâmide temos a prevalência branca, aristocrática e que sempre governou o Brasil, selando o destino de todos nós. Nos poucos anos em que o país experimentou políticas afirmativas de acesso à educação, saúde, trabalho e renda, as populações pretas assumiram um lugar de protagonismo, lotando as universidades, as públicas e as particulares, passaram a andar de avião, dirigir SUV's, fazer um churrasco nota 10 nas lajes das periferias! Foi a gota d'água. Magistrados, gente de bem, e até um presidente que mede o ser humano da cor preta em arrobas. Foram liberadas de vez as bestas do ódio e do racismo, a intolerância deu as caras em plena luz do dia sem nenhum pudor. A cordialidade do brasileiro e a democracia racial foram derrubadas num átimo.

Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus. Lima Barreto, Conceição Evaristo, Augusto dos Anjos. Milton Santos, Adão Ventura, Cartola, Luiz Melodia, Raimundo Carvalho, Ana Paula Sobrinho, João Pinto. Escritores de ontem e de hoje, gente preta que faz da literatura instrumento de luta, amparo e solidariedade. Para além das letras, outros tantos, de Zumbi e Dandara aos irmãos Rebouças, Dragão do Mar e Bispo do Rosário. Mais que a cor, a legenda da luta.

Neste Dia da consciência negra, escrito a sangue e suor, precisamos tornar os olhos ao passado e reverenciar nossa força ancestral, e também inquirir o presente e, juntos, organizar a luta contra todas as formas de opressão. Homens e mulheres pretos, crianças e velhos, do campo e da cidade, operários, domésticas, educadores, líderes das várias áreas do mundo do trabalho: punho esquerdo erguido! A luta é de todos nós e não há tempo para o medo e o temor. Só quando houver justiça, para todos e todas, poderemos dizer que, sim, vivemos na paz de uma democracia.